

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO E CULTURA

PROJETO DE LEI Nº 2.368, DE 2007

Inclui o nome do Padre José de Anchieta
no Livro dos Heróis da Pátria.

Autor: Deputado Dr. Talmir

Relator: Deputado Átila Lira

I - RELATÓRIO

O Projeto de Lei nº 2.368, 2007, de autoria do Deputado Dr. Talmir, propõe que seja incluído no Livro dos Heróis da Pátria o nome do Padre José de Anchieta, herói jesuíta das causas indígenas, um dos fundadores de São Paulo de Piratininga, hoje cidade de São Paulo.

Cabe a esta Comissão de Educação e Cultura manifestar-se sobre o aspecto cultural da iniciativa.

Não foram apresentadas emendas no prazo regimental.

É o relatório.

II - VOTO DO RELATOR

É sem dúvida alguma meritório homenagear o Padre José de Anchieta – herói jesuíta das causas indígenas, talvez o primeiro protetor e fomentador da cultura brasileira.



D026FFC927

José de Anchieta nasceu em 19 de março de 1534, em La Laguna, Tenerife, ilha do arquipélago das Canárias, pertencente à Espanha. Aos quatorze anos de idade, foi estudar em Coimbra, Portugal, entrando em 1551 para a Companhia de Jesus. Em busca de um clima favorável para tratar de sua saúde delicada, veio para o Brasil, chegando a Salvador, Bahia, no dia 13 de julho de 1553, aos dezenove anos de idade.

Estudioso da língua e dos costumes dos grupos indígenas locais, Anchieta estimulou o teatro, a dança, a música e a literatura nos lugares por onde passou. O ilustre padre foi ainda enfermeiro, historiador, poeta, professor e gramático, sendo o autor da primeira gramática da língua Tupi: *A arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*.

Sua participação nos acontecimentos históricos que marcaram o País na metade do século XVI foi notável. Além de ter sido um dos fundadores do Colégio dos Jesuítas, marco constituinte da cidade de São Paulo, participou em, 1565, com Estácio de Sá, da fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e lutou em favor da expulsão dos franceses da Baía de Guanabara.

Destacou-se pelas muitas e bem-sucedidas interferências na solução de conflitos entre portugueses e indígenas. O caso mais conhecido, que o levou a ficar por vários meses em poder dos índios Tamoios, no litoral paulista, deu origem a uma das mais belas peças da nossa literatura – o poema *De Beata Virgine Matre Dei Maria*, um pedido de proteção à Nossa Senhora, de 5.732 versos, escrito nas areias da praia e decorado pelo religioso para transcrição posterior.

Ao longo dos 44 anos em que viveu no País, o Padre José de Anchieta deixou marcas profundas que devem ser lembradas e reconhecidas por todos os brasileiros.

A Lei nº 11. 597, de 2007, que “Dispõe sobre a inscrição de nomes no Livro dos Heróis da Pátria”, determina, em seu art. 1º, que “O Livro dos Heróis da Pátria, depositado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, destina-se ao registro perpétuo do nome dos brasileiros ou de grupos de



brasileiros que tenham oferecido a vida à Pátria, para sua defesa e construção, com excepcional dedicação e heroísmo”

Percebe-se, portanto, que a honraria de ter o nome registrado para a posteridade no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, honraria a todo personagem da nossa história que se tenha destacado pela atuação heróica ou notável para a defesa ou para o bem do País.

Em razão do exposto – e certo de que esta Comissão tem oportunidade de aprovar esta homenagem ao ilustre Padre –, voto pela aprovação do Projeto de Lei nº 2.368, de 2007.

Sala da Comissão, em de de 2008.

Deputado ÁTILA LIRA

Relator



D026FFC927

Biografia de José de Anchieta

José de Anchieta (San Cristóbal de La Laguna, 19 de março de 1534 — Iiritiba, 9 de junho de 1597) foi um padre jesuíta espanhol, um dos fundadores de São Paulo e declarado beato pelo papa João Paulo II. É cognominado de *Apóstolo do Brasil*.

Infância

Nascido na ilha de Tenerife, no arquipélago das Canárias, era filho de Juán López de Anchieta, um revolucionário que tomou parte na revolta dos Comuneros contra o Imperador Carlos V na Espanha e um grande devoto da Virgem Maria. Descendia da nobre família basca Anchieta (*Antxeta*).

Sua mãe chamava-se Mência Dias de Clavijo e Larena, natural das Ilhas Canárias, filha de judeus cristãos-novos. O avô materno, Sebastião de Larena, era um judeu convertido do Reino de Castela.

Dos doze irmãos, além dele abraçaram o sacerdócio Pedro Núñez e Melchior.

Juventude

Anchieta viveu com a família até aos catorze anos de idade, quando se mudou para Coimbra, em Portugal, onde foi estudar filosofia no Colégio das Artes, anexo à Universidade de Coimbra. A ascendência judaica foi determinante para que o enviassem para estudar em Portugal, uma vez que na Espanha, à época, a Inquisição era mais rigorosa. Ingressou na Companhia de Jesus em 1551 como irmão.

Atuação no Brasil

Tendo o padre Manuel da Nóbrega, Provincial dos Jesuítas no Brasil, solicitado mais braços para a atividade de Evangelização do evangelização do Brasil (*mesmo os fracos de engenho e os doentes do corpo*), o Provincial da Ordem, Simão Rodrigues, indicou, entre outros, José de Anchieta.

Anchieta, que padecia de "espinhela caída", chegou ao Brasil em 13 de junho de 1553, com menos de 20 anos de idade, junto com outros padres como o basco João de Azpilcueta Navarro. No seguimento da sua ação missionária, participou da fundação, no planalto de Piratininga, do Colégio de São Paulo, do qual foi regente, embrião da cidade de São Paulo, junto com outros padres da



Companhia, em 25 de janeiro de 1554. Esta povoação contava, no primeiro ano da sua existência com 130 pessoas, 36 delas haviam recebido o batismo.

Cuidava não só de educar e catequizar os aborígenes como também de defendê-los dos abusos dos colonizadores portugueses que os queriam não raro escravizá-los e tomar mulheres e filhos.

Esteve em Itanhaém e Peruíbe (litoral sul de São Paulo) na quaresma que antecedeu a sua ida à aldeia de Iperoig, juntamente com o padre Manuel da Nóbrega, em missão de preparo para o Armistício com os Tupinambás de Ubatuba (Armistício de Iperoig).

Nesse período, intermediou as negociações entre os portugueses e os indígenas reunidos na Confederação dos Tamoios, oferecendo-se Anchieta como refém dos tamoios em Iperoig, enquanto o padre Manuel da Nóbrega retornou a S. Vicente juntamente com Cunhambebe (filho) para ultimar as negociações de paz entre os indígenas e os portugueses.

Durante este tempo em que passou "prisioneiro" entre os índios compôs o Poema à Virgem, segundo uma tradição teria escrito nas areias da praia e memorizado o poema, mais tarde em S. Vicente o teria trasladado para o papel. Segundo a tradição, foi também durante o cativeiro que Anchieta teria em tese "levitado" entre os Índios, os quais, imbuídos de grande pavor, pensavam tratar-se de um feiticeiro.

Lutou contra os franceses estabelecidos na França Antártica na baía da Guanabara; foi companheiro de Estácio de Sá, a quem assistiu em seus últimos momentos (1567).

Em 1566 foi enviado à Bahia com o encargo de informar o governador Mem de Sá do andamento da guerra contra os franceses, possibilitando o envio de reforços portugueses ao Rio de Janeiro. Por esta época foi ordenado sacerdote aos 32 anos de idade.

Após a expulsão dos franceses da Guanabara, Anchieta e Manuel da Nóbrega instigaram o Governador-Geral Mem de Sá a prender em 1559 um refugiado huguenote, o alfaite Jacques Le Balleur, e a condená-lo à morte por professar "heresias protestantes"[1]. Em 1567, Jacques Le Balleur foi preso[2], e conduzido ao Rio para ser executado, mas o carrasco recusou-se a executá-lo. Diante disso, Anchieta o teria estrangulado com suas próprias mãos[3]. O episódio é contestado como apócrifo pelo maior biógrafo de Anchieta, o padre jesuíta Hélio Abranches Viotti, na obra "Anchieta, o apóstolo do Brasil" com base em documentos que, segundo o autor, contradizem a versão^[carece de fontes?].

Dirigiu o Colégio do Rio de Janeiro por três anos, de 1570 a 1573. No ano de 1569, Anchieta fundou a povoação de Iritiba ou Reritiba, atual Anchieta, no Espírito Santo.

Em 1577 foi nomeado Provincial da Companhia de Jesus no Brasil, função que exerceu por dez anos, sendo substituído em 1587 a seu próprio pedido. Retirou-se para Reritiba, mas teve ainda de dirigir o Colégio do Jesuítas em Vitória do Espírito Santo. Em 1595 obteve dispensa dessas funções e conseguiu retirar-se definitivamente para Reritiba onde veio a falecer, foi sepultado em Vitória.



Obra

Segundo a "Brasiliiana da Biblioteca Nacional" (2001) "o Apóstolo do Brasil", fundador de cidades e missionário incomparável, foi gramático, poeta, teatrólogo e historiador. O apostolado não impediu **Anchieta** de cultivar as letras, compondo seus textos em quatro línguas - português, castelhano, latim e tupi, tanto em prosa como em verso.

Duas das suas principais obras foram publicadas ainda durante a sua vida:

- "De gestis Mendi de Saa" ("Os feitos de Mem de Sá") impressa em Coimbra em 1563, retrata a luta dos portugueses, chefiados pelo governador-geral Mem de Sá, para expulsar os franceses da baía da Guanabara onde Nicolas Durand de Villegagnon fundara a França Antártica. Esta epopéia renascentista, escrita em latim e anterior à edição de "Os Lusíadas", de Luís de Camões, é o primeiro poema épico da América, tornando-se assim o primeiro poema brasileiro impresso e, ao mesmo tempo, a primeira obra de Anchieta publicada.
- "Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil" impressa em Coimbra em 1595 por Antonio de Mariz. É a primeira gramática contendo os fundamentos da língua tupi. Apresenta folha de rosto com o emblema da Companhia de Jesus. Desta edição conhecem-se apenas sete exemplares, dois dos quais encontram-se na Biblioteca Nacional do Brasil: o primeiro pertenceu ao imperador D. Pedro II (1840-1889) e o outro é oriundo da coleção de José Carlos Rodrigues. Constituindo-se na sua segunda obra publicada, é ainda a segunda obra dedicada a línguas indígenas, uma vez que, em 1571, já surgira, no México, a "Arte de la lengua mexicana y castellana" de frei Alonso de Molina.

O movimento de catequese influenciou seu teatro e sua poesia, resultando na melhor produção literária do Quinhentismo brasileiro.

Entre suas contribuições culturais, podemos citar as poesias em verso medieval (sobretudo o poema De Beata Virgine Dei Matre Maria, mais conhecido como Poema à Virgem, com 4.172 versos), os autos que misturavam características religiosas e indígenas, a primeira gramática do tupi-guarani (A Cartilha dos nativos).

Foi o autor de uma espécie de *certidão de nascimento* do Rio de Janeiro, quando redigiu sua carta de 9 de julho de 1565 ao Padre Diogo Mirão, dando conta dos acontecimentos ocorridos ali "no último dia de fevereiro ou no primeiro dia de março" do ano. Nela se encontram os seguintes trechos: "...logo no dia seguinte, que foi o último de fevereiro ou primeiro de março, começaram a roçar em terra com grande fervor e cortar madeira para cerca, sem querer saber nem dos tamoios nem dos franceses." E: "... de São Sebastião, para ser favorecida do Senhor, e merecimentos do glorioso mártir."

A sua vasta obra só foi totalmente publicada no Brasil na segunda metade do século XX.



A beatificação

Embora a campanha para a sua beatificação tenha sido iniciada na Capitania da Bahia em 1617, só foi beatificado em Junho de 1980 pelo papa João Paulo II. Ao que se compreende, a perseguição do marquês de Pombal aos jesuítas havia impedido, até então, o trâmite do processo iniciado no século XVII.

O Caminho de Anchieta

Anchieta era conhecido, em sua época, como *abarebebe* que, na língua tupi, significa *padre santo voador*. A sua disposição em caminhar levava a que percorresse, duas vezes por mês, a trilha litorânea entre Iiritiba, e a ilha de Vitória, com pequenas paradas para pregação e repouso nas localidades de Guarapari, Setiba, Ponta da Fruta e Barra do Jucu.

Modernamente, esse percurso, com cerca de 105 quilômetros, vem sendo percorrido a pé por turistas e peregrinos, à semelhança do Caminho de Santiago, na Espanha.

Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre.

